

Anexo A. Modelo de Documento de Certificação de Serviços de Ecossistema

O Documento de Certificação de Serviços de Ecossistema (DCSE) é a principal evidência utilizada pela entidade certificadora para avaliar o cumprimento do procedimento. Além disto, conterá todas as informações necessárias para que terceiros entendam os impactos que foram demonstrados e o contexto da unidade de gestão florestal. Após a avaliação da gestão florestal, será incluída uma lista de impactos que a entidade certificadora validou ou verificou. A entidade certificadora fará o *upload* do DCSE na base de dados de certificados do FSC e o mesmo estará disponível para *download* junto dos relatórios públicos de certificação.

O DCSE é, portanto, uma ferramenta fundamental para dar transparência ao processo e facilitar a comunicação com outras partes sobre o impacto que foi demonstrado. Nalguns casos, será usado para apoiar a promoção de florestas certificadas FSC com impactos verificados nos serviços de ecossistemas; noutros casos, o DCSE poderá ser o necessário para garantir um benefício, como uma doação, um investimento ou um pagamento de um beneficiário, como seja um usuário de água a jusante.

Resultados da avaliação (Esta página deve ser completada pelo auditor principal. A partir desta página, o conteúdo do DCSE deve ser completado pelo titular de certificado)

Nome da entidade certificadora	SGS Société Générale de Surveillance SA	
Nome do auditor principal	Pawel Wictorowicz	
Data da avalia�o deste documento		
Lista de declara�es de serviços de ecossistema com o código de impacto no SE do Anexo B (com base nos impactos verificados nos serviços de ecossistema)	ES1: Biodiversity conservation	
Lista de impactos validados nos serviços de ecossistema (quando se aplique a cláusula 11.2)	Impact ES1.1: Restoration of natural forest cover	
Data da verifica�o ou valida�o do impacto	Aprovado em [dd.mm.aaaa]	Válido até [dd.mm.aaaa]
Assinatura do auditor principal e carimbo	Local de aprova�o	

Parte I: Informação sobre os passos para demonstrar o impacto

Passo 1: Declaração do serviço ou serviços de ecossistema

4.1 A organização deverá declarar o serviço ou serviços de ecossistema para o qual ou os quais se propõe um impacto.

A organização deve escolher um ou mais entre cinco serviços de ecossistema: sequestro e armazenamento de carbono, conservação da biodiversidade, serviços de bacias hidrográficas, conservação do solo e / ou serviços recreativos. A organização deve desenvolver um DCSE para cada serviço de ecossistema declarado.

✓ **Conservação da biodiversidade (SE1)**

- Sequestro e armazenamento de carbono (SE2)
- Serviços de bacias hidrográficas (SE3)
- Conservação do solo (SE4)
- Serviços recreativos (SE5)

4.2 A organização deve descrever resumidamente a posse legal para gerir, usar e / ou receber pagamentos para o serviço de ecossistema declarado.

LPN - Liga para a Proteção da Natureza, Quinta da Moenda.

A Quinta da Moenda (3,7 ha) localiza-se na zona centro de Portugal, concelho de Vila Nova de Poiares, Freguesia de Arrifana. Esta propriedade é pertença da LPN, uma Organização não Governamental de Ambiente (ONGA), de âmbito nacional, fundada em 1948, sendo a associação de defesa do ambiente mais antiga da Península Ibérica. É uma associação sem fins lucrativos com estatuto de Utilidade Pública.

As atas da constituição dos corpos sociais foram entregues, assim como os registo de posse.

Esta ONGA tem plenos poderes para gerir, usar e / ou receber pagamentos dos recursos produzidos, tais como serviços de ecossistemas.

A verificação da posse legal concretizou-se com a verificação do artigo matricial e respetivos documentos comprovativos da titularidade, assim como a consulta dos estatutos e ata de tomada de posse.

Esta propriedade insere-se na ZIF de Arrifana e Santo André, regendo-se pela legislação Nacional específica, Decreto-Lei n.º 67/2017 de 12 de junho que procede à alteração ao Decreto-Lei n.º 127/2005, de 5 de agosto, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 27/2014, de 18 de fevereiro, que estabelece o regime de criação das zonas de intervenção florestal (ZIF), bem como os princípios reguladores do seu funcionamento e extinção.

Esta propriedade é atravessada por uma linha de água (Ribeira de Poiares), estando condicionadas as intervenções pela legislação nacional ; Decreto-Lei n.º 46/94 de 22 de Fevereiro, Decreto-Lei n.º 226-A/2007 - Diário da República n.º 105/2007, 2º Suplemento, Série I de 2007-05-31, que estabelece o Regime da utilização dos recursos hídricos.

A região em causa é assolada pela proliferação de espécies invasoras (com especial relevância para a espécie *Acacia dealbata* Link.). O Decreto-Lei nº 92/2019 estabelece o regime jurídico aplicável ao controlo, à detenção, à introdução na natureza e ao repovoamento de espécies exóticas. O Decreto-Lei nº 565/99, de 21 de dezembro, foi revisto, tendo sido substituído pelo Decreto-Lei nº 92/2019, de 10 de julho, que concretiza as medidas previstas na Estratégia Nacional para a Conservação da Natureza e Biodiversidade para 2030 (ENCNB 2030), dando cumprimento ao Regulamento (UE) n.º 1143/2014, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de outubro de 2014, relativo à prevenção e gestão da introdução e propagação de espécies exóticas invasoras.

Os incêndios florestais tornaram-se, juntamente com o crescente aumento de área de invasoras, uma das maiores ameaças para a floresta e biodiversidade nacional. A legislação nacional estabelece responsabilidades de gestão de combustíveis de acordo com a Decreto-Lei n.º 124/2006, de 28 de Junho, alterado pelos DL n.º 17/2009 de 14/01, DL n.º 15/2009 de 14/01, DL n.º 114/2011 de 30/11, DL n.º 83/2014 de 23/05, Lei n.º 76/2017 de 17/08, Retificação n.º 27/2017 de 02/10, DL n.º 10/2018 de 14/02, DL n.º 14/2019 de 21/01.

Existe ainda legislação mais abrangente nacional que poderá condicionar a atividade de gestão e exploração dos recursos nesta propriedade, designadamente:

Diário da República n.º 45/2020, Série II de 2020-03-04 que revisão do (PDM), Plano Diretor Municipal do Município de Vila Nova de Poiares.

Diário da República n.º 138/2006, Série I de 2006-07-19, aprova o (PROF PIN),, *Plano Regional de Ordenamento Florestal* do Pinhal Interior Norte

Diário da República n.º 139/2008, 1º Suplemento, Série I de 2008-07-2, que aprova a o (PSRN2000), Plano Sectorial da Rede Natura 2000.

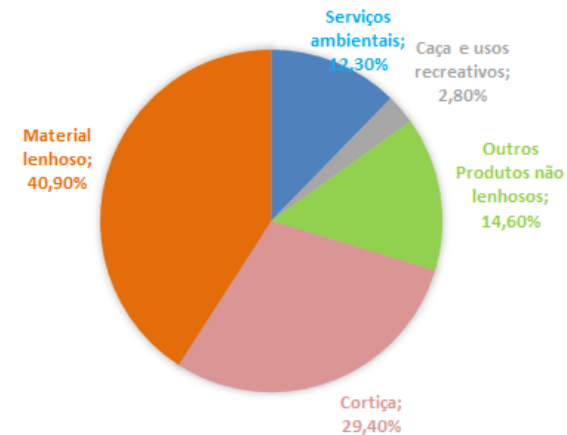
Resolução do Conselho de Ministros n.º 31/2006, de 23 de Março, (PROT), Plano Regional de Ordenamento do Território do Centro

Resolução do Conselho de Ministros n.º 6-B/2015, de 4 de fevereiro, Estratégia Nacional para as Florestas

Decreto Lei n.º 16/2009 de 15 de janeiro, Regime jurídico dos planos de ordenamento e gestão florestal

Lei n.º 33/96, de 17 de Agosto, Lei de bases da Política Florestal nacional

A floresta disponibiliza vários produtos e serviços, alguns são facilmente mensuráveis e têm sido comercializados, outros têm sido disponibilizados à sociedade sem qualquer retorno financeiro para os proprietários. É o caso da Quinta da Moenda pioneira no restauro de áreas degradada, proporcionando melhorias de habitats para as espécies da região.



Estrutura do Valor Económico Total da produção florestal, a preços de 2001, antes de deduzidas as externalidades negativas (Fonte: Mendes, 2005), in Estudo prospetivo para o Sector Florestal, aiff, 2013.

Os recursos que esta propriedade produz ou venha a produzir, tais com os serviços de ecossistema, são vendidos diretamente pelo proprietário.

O Membro LPN poderá usufruir de patrocínios pelo reconhecimento dos serviços proporcionados à sociedade ou recursos financeiros necessários à sua gestão ou restauro.

Ao contrário dos créditos de carbono, a biodiversidade não tem mercado regulado nem valores de referência para o seu pagamento, onde as empresas patrocinadoras financiam atividades de gestão ou reconhecimento do valor de conservação da propriedade de forma voluntária em quantias não padronizadas. Existe um crescente interesse pelas empresas em apoiar áreas de conservação, pela plantação ou restauro, nomeadamente aquelas que são obrigadas a apresentar demonstração de resultados não financeiros, onde são apresentados investimentos de cariz ambiental e social.

Estes patrocínios serão administrados pela Unimadeiras SA, de acordo com o procedimento interno.

Quando ocorram estes patrocínios, estes devem ser registados no Anexo D - Informações sobre patrocínio financeiro do Procedimento de serviços de ecossistema (<https://fsc.org/en/document-centre/documents/resource/316>) e enviados à entidade certificadora que publicará um resumo atualizado de todos os impactos dos serviços de ecossistema patrocinados no FSC banco de dados de certificados registados (info.fsc.org).

Nota: Os conteúdos descritos nos pontos que se seguem foram elaborados pela Equipa técnico-científica do Departamento de Biologia & CESAM da **Universidade de Aveiro**, Departamento de Biologia & CESAM.

Bandeira V., Maia P. & Pinho R. (2021). Conteúdos técnico-científicos para certificação de Serviços de Ecossistemas. Departamento de Biologia & CESAM, Universidade de Aveiro. Aveiro. 91 pp.

4.3 A organização deve listar quaisquer objectivos de gestão relacionados com o serviço de ecossistema declarado, incluindo quaisquer objectivos relevantes do plano de gestão.

Os objetivos de gestão relacionados com os impactos ES 1.1 Restauro do coberto florestal natural e devidamente enquadrados nos planos de gestão florestal locais são elencados seguidamente:

- conservar e aumentar a área adstrita aos habitats naturais identificados e que presentemente se encontram fragmentados;
- proteger a regeneração natural de espécies arbóreas autóctones e a promoção da sucessão ecológica;
- preservar espécies protegidas e/ou ameaçadas da fauna e da flora;
- controlar a flora invasora;
- requalificar a galeria ripícola da Ribeira de Poiares;
- obter uma floresta mais biodiversa, autossustentável, resistente, e por isso mais resiliente à investida dos fogos e das invasoras.

5.1.1 A situação actual do serviço de ecossistema

O município de Vila Nova de Poiares apresenta uma área de cerca de 844.500 ha, dos quais 66,4% (560.748 ha) são ocupados por área florestal, que se enquadra na sub-região homogénea Floresta da Beira Serra, cujo modelo de funções das suas áreas naturais se reflete, hierarquicamente, na produção, silvo-pastorícia, caça e pesca e, na proteção, sujeitos aos regimes da Reserva Agrícola Nacional e da Reserva Ecológica Nacional. Neste município não existem áreas com estatuto de proteção.

Nos últimos 40 anos a paisagem do município sofreu grandes alterações, que se devem a quatro fatores principais que se inter-relacionam: a expansão da área plantada com eucalipto, os fogos florestais, a proliferação de espécies invasoras e o abandono das propriedades rurais. Com isto, a paisagem tem vindo a perder o valor ecológico e económico devido à perda de funcionalidade através do desprovimento da biodiversidade, que consequentemente afeta os serviços de ecossistemas. O município de Vila Nova de Poiares, com outros municípios adjacentes, encontra-se na região geográfica de produção, extração e acondicionamento do “Mel da Serra da Lousã”. Este mel específico é obtido através das abelhas (*Apis mellifera*) que extraem a matéria-prima dos nectários da flora espontânea regional. O “Mel da Serra da Lousã” beneficia da Denominação de Origem Protegida (DOP) e distingue-se de outros produtos similares através das embalagens de origem, que ostentam a marca de certificação e a rotulagem de acordo com a respetiva entidade certificadora. Além deste produto natural tradicional, no município de Vila Nova de Poiares, existe ainda a possibilidade de certificação de outros produtos tradicionais através da Confraria da Chanfana juntamente com a Feira de Artesanato anual “Poiartes”. Atualmente, os povoamentos arbóreos deste município são constituídos essencialmente pelo eucalipto (*Eucalyptus globulus*) e pelo pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), ponteados por núcleos de espécies autóctones, especialmente folhosas, que contribuem para a diversificação da paisagem. Estes núcleos são de reduzidas dimensões ultrapassando raras vezes os 7 hectares, encontrando-se em solos mais favoráveis e junto às linhas de água.

Um destes núcleos de folhosas do município de Vila Nova de Poiares situa-se na Quinta da Moenda, na freguesia de Arrifana, entre 110 e 140 m de altitude, em solo xisto-grauváquico, sendo constituído maioritariamente por habitats de carvalhais (habitat 9230) com a presença de outras folhosas (parcelas 1 e 2), uma área com regeneração de folhosas mas onde o pinheiro-bravo é abundante (parcela 3), outra com povoamento de eucalipto e acácia (parcela 5), além de uma pequena área com matos (parcela 6). Toda a área da Quinta da Moenda está enquadrada num processo de regeneração ecológica a partir do abandono da agricultura que era praticada nestes terrenos (ver ponto 5.1.2), em que cada parcela está atualmente em fases bastante distintas. As parcelas 1 e 2, que correspondem aos povoamentos de carvalho, encontram-se em diferentes fases de restauro ecológico. A parcela 1 constitui um povoamento praticamente puro de carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), de copas fechadas, com vestígios da anterior ocupação por *Olea europaea*. Esta é uma área fruto de uma gestão de beneficiação da regeneração natural de *Quercus robur*, em substituição do olival degradado, o que resultou num povoamento de características ímpares a nível regional. O processo de restauro do coberto florestal, observado na parcela 1, está em curso na parcela 2, que se encontra ainda num processo intermédio, em virtude de não haver formação de galeria ripícola. Esta

parcela, anteriormente colonizada por lenhosas invasoras, tem vindo a ser alvo de ações de controlo de invasoras, nomeadamente com a utilização de herbivoria e de restauro do coberto florestal, através da beneficiação da regeneração natural e da plantação de folhosas. Maioritariamente ocupado por pinheiro-bravo, mas com regeneração abundante de folhosas (e.g. *Quercus robur*, *Q. suber*, *Frangula alnus*), a parcela 3 ocupa o extremo Oeste da Quinta, sendo intercetada por uma linha elétrica cuja área envolvente é alvo de frequente gestão de combustíveis. A parcela 5, em pior estado de conservação, é maioritariamente ocupada por eucaliptal degradado e acacial, encontrando-se no extremo Este da Quinta, a Este da ribeira. Esta parcela tem vindo a ser alvo de ações de controlo de invasoras, tendo a ocupação por mimosas (*Acacia dealbata*) diminuído ao longo da última década.

Esta propriedade com cerca de 4 ha é atravessada por uma linha de água de carácter permanente, a ribeira de Poiares, que faz parte da bacia hidrográfica do rio Mondego, e que se encontra inserida na Reserva Ecológica Nacional como linha de água protegida. Contudo, as margens da linha de água encontram-se depauperadas pela herbivoria de gado caprino e a linha de árvores existente acaba por não formar galeria. É importante salientar que neste local se encontram espécies da fauna com interesse comunitário, cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação e que exigem uma proteção rigorosa (Anexo B-II do Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de fevereiro), como a lontra (*Lutra lutra*) e a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*). Além de que se observam espécies da flora com interesse comunitário que podem ser objeto de medidas de gestão, como a gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.) (Anexo B-V do Decreto-Lei n.º 49/2005 de 24 de fevereiro).

No que toca à recuperação e à reabilitação deste ecossistema, o Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2020-2030 de Vila Nova de Poiares promove esta propriedade como um modelo de gestão florestal a seguir, e sustenta que deve ser uma área prioritária para restauro ecológico, na qual se deve permitir a recuperação da biodiversidade e dos serviços de ecossistemas relativamente à conservação da água, do solo e da paisagem aproveitando o potencial de regeneração da vegetação natural.

Valores presentes da Flora que contribuem para a Área de Conservação

Tabela 1 - Inventário de espécies da flora registadas na parcela 1 organizadas por ordem alfabética do nome científico. (DL – decreto-lei; DH – diretiva habitats; EI – endemismo ibérico; HV – herbácea vivaz; HA – herbácea anual)

Nome científico	Nome comum	Família	Usos	Estatuto/ Forma Biológica	Distribuição geográfica	Parcela s onde ocorre
<i>Acacia dealbata</i> Link	mimosa	Fabaceae	Madeira, combustível, Artesanato	Invasora DL 92/19 Árvore	Austrália e Tasmânia	1 3 5
<i>Acer campestre</i> L.	bordo-comum	Sapindaceae	Alimentação animal, combustível, Construção, Indústria, Cultural	Árvore	Europa e W. Ásia	3
<i>Acer palmatum</i> Thunb.	ácer-do-Japão	Sapindaceae	Medicinal e ornamental	Exótica Árvore	E China, Coreia e Japão	1
<i>Acer pseudoplatanus</i> L.	bordo	Sapindaceae	Madeira	Árvore	C e S Europa	1 2 3 5
<i>Agrostis truncatula</i> Parl. subsp. <i>truncatula</i>	linho-de-raposa	Poaceae	Ornamental	HV	Península Ibérica e Itália	5
<i>Agrotis curtisii</i> Kerguelen	erva-sapa	Poaceae	Desconhecido	HV	W Europa até S Grã-Bretanha	3 5
<i>Alisma lanceolatum</i> With.	alisma	Alismataceae	Desconhecido	HV	Quase toda a Europa (com exceção do N), N África e W Ásia	2
<i>Alnus glutinosa</i> (L.) Gaertn.	amieiro	Betulaceae	Alimentação animal, Medicinal, Combustível, Construção, Ornamental, Indústria, Artesanato, Cultural	Árvore	Grande parte da Europa, Ásia e NW África	2
<i>Anagallis arvensis</i> L.	morrião	Primulaceae	Medicinal	HA	Subcosmopolita	2 3 5
<i>Anarrhinum bellidifolium</i> (L.) Willd.	samacalo	Plantaginaceae	Medicinal	HV	SW Europa	2 3 5
<i>Andryala integrifolia</i> L.	tripa-de-ovelha	Asteraceae	Ornamental, Alimentação humana e animal, Medicinal	HV	Região Mediterrânica e SW Europa	2 3 5
<i>Anogramma leptophylla</i> (L.) Link	anograma-de-folha- estreita	Pteridaceae	Ornamental	HV	Cosmopolita	1 2 5

<i>Apium nodiflorum</i> (L.) Lag.	rabaça	Apiaceae	Ornamental, Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Tóxico	HV aquática	C e S Europa, W e C Ásia e N África	2
<i>Araucaria bidwili</i> Hook.	araucária-de-Queensland	Araucariaceae	Alimentação humana e animal, Ornamental, Cultural	Exótica Árvore	NE Austrália (SE Queensland)	1
<i>Arum italicum</i> Mill.	jarro-dos-campos	Araceae	Alimentação humana e animal, Ornamental, Indústria, Cultural, Tóxico	HV	S e W Europa, NW Grã-Bretanha	1
<i>Asplenium onopteris</i> L.	avenca-negra	Aspleniaceae	Ornamental	HV	Região Mediterrânica, W e C Europa, Macaronésia (exceto Cabo Verde)	1 2 5
<i>Asplenium trichomanes</i> L.	avencão	Aspleniaceae	Ornamental	HV	Subcosmopolita	2
<i>Briza maxima</i> L.	bole-bole-maior	Poaceae	Alimentação animal, ornamental	HA	Região Mediterrânica e Macaronésia (Açores)	3 5
<i>Briza minor</i> L.	bole-bole-menor	Poaceae	Alimentação animal, ornamental	HA	W e S Europa, Cáucaso, W Ásia, N África e Macaronésia (Açores)	5
<i>Bromus diandrus</i> Roth	espigão	Poaceae	Alimentação animal	HA	Região Mediterrânica, Cáucaso e Macaronésia	5
<i>Bryonia dioica</i> Jacq.	norça-branca	Cucurbitaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Cultural, Tóxico	HV escandente	Ocidente Região Mediterrânica, W Europa e SW Ásia	2 3
<i>Calamintha nepeta</i> subsp. <i>nepeta</i>	erva-das-azeitonas	Lamiaceae	Aromática, Alimentação humana	HV	S e CS Europa, NW África e Próximo Oriente	5
<i>Callitriche stagnalis</i> Scop.	morrugem-de-água	Plantaginaceae	Desconhecido	HV aquática	Grande parte da Europa (à exceção do extremo N); introduzida na América do N	2
<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull	queiroga	Ericaceae	Medicinal	Subarbusto	Europa e NW África (Marrocos e Mauritânia); introduzida na América Norte	3 5
<i>Campanula lusitanica</i> L.	campainhas	Campanulaceae	Desconhecido	HA	Península Ibérica e NW Marrocos	1
<i>Campanula rapunculus</i> L.	rapônzio	Campanulaceae	Alimentação humana e animal, Ornamental	HA	Grande parte Europa	3
<i>Carduus tenuiflorus</i> Curtis	cardo-azul	Asteraceae	Alimentação animal, medicinal	HV	W Europa e NW África	1 3 5

<i>Carex pendula</i> Huds.	cariço-dependurado	Cyperaceae	Ornamental	HV aquática	Desde W Ásia e C Europa, até N África e Macaronésia	3
<i>Castanea sativa</i> Mill.	castanheiro	Fagaceae	Alimentação humana e animal Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Cultural, Tóxico	Árvore	Oriunda dos Balcãs, Ásia Menor e Cáucaso; cultivada na Região Mediterrânica, C e W Europa e Macaronésia	1 3 5
<i>Celtis australis</i> L.	lódão-bastardo	Ulmaceae	Alimentação humana e animal Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Cultural, Tóxico	Árvore	S Europa, W Ásia e N África	1
<i>Centranthus calcitrapae</i> (L.) Dufresne	calcitrapa	Caprifoliaceae	Desconhecido	HA	S Europa e Região Mediterrânica	1
<i>Chamaemelum mixtum</i> (L.) All.	margaça	Asteraceae	Desconhecido	HA	Região Mediterrânica e SW Europa	2
<i>Chelidonium majus</i> L.	erva-das-verrugas	Papaveraceae	Alimentação animal, Cultural, Tóxico Veterinário, Medicinal,	HV	Europa, Ásia Central e Meridional, aclimatada também na América	1 2 3
<i>Chenopodium album</i> L.	catassol	Amaranthaceae	Tóxico	HA	Subcosmopolita	5
<i>Cirsium vulgare</i> (Savi) Ten.	cardo-roxo	Asteraceae	Medicinal	HV	Grande parte da Europa, rara no N África	2 5
<i>Cistus psilosepalus</i> Sweet	sanganho	Cistaceae	Desconhecido	EI/ subarbusto	N e W da Península Ibérica	3 5
<i>Clinopodium vulgare</i> L.	clinopódio	Lamiaceae	Medicinal	HV	Eurásia, NW da África, Macaronésia e América do N	2 3
<i>Coleostephus myconis</i> (L.) Rchb.f.	pampilho-de-micão	Asteraceae	Cosmética	HA	S Europa e Região Mediterrânica	5
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronq.	avoadinha	Asteraceae	Medicinal	Invasora DL 92/19 HÁ	América Tropical	2 5
<i>Crataegus monogyna</i> Jacq.	pilriteiro	Rosaceae	Alimentação humana, Alimentação animal, melífera, medicinal	Arbusto	W e C Europa, Cáucaso, Anatólia, Próximo Oriente e NW África; introduzida na Macaronésia (Madeira), América do N, SE Austrália e Nova Zelândia	1 2 5
<i>Crepis capillaris</i> (L.) Wallr.	almeirão-branco	Asteraceae	Desconhecido	HA e HV	W, C e S Europa	1 2 5

<i>Cryptomeria japonica</i> (Thunb. ex L. f.) D. Don	criptoméria	Cupressaceae	Construção, Ornamental	Exótica Árvore	C e S Japão (Honshu, Kyushu, Shikoku); naturalizada China e subspontânea Macaronésia (Açores)	1
<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.	cipreste-do-Bussaco	Cupressaceae	Construção, Ornamental	Exótica Árvore	Guatemala ao México e C América N	1
<i>Cuscuta campestris</i> Yunck.	enleios	Convolvulaceae	Desconhecido	Exótica parasita, HÁ	Originária de América do N e naturalizada ao longo do planeta	3
<i>Cydonia oblonga</i> Mill.	marmeleiro	Rosaceae	Alimentação humana, alimentação animal, melífera, medicinal	Arbusto	Oriunda da Ásia Central, Cáucaso e N Irão; cultivada e subspontânea na Europa	2 5
<i>Cyperus eragrostis</i> Lam.	junção	Cyperaceae	Desconhecido	Exótica, HV	Originário da América tropical; naturalizado SW Europa	1 2
<i>Cytisus striatus</i> (Hill) Rothm.	giesta-amarela	Fabaceae	Combustível, construção, indústria, Artesanato e ambiente (melhora a qualidade do solo)	Arbusto	W Península Ibérica e NW Marrocos; introduzida no W Europa e N América	5
<i>Dactylis glomerata</i> L.	panasco	Poaceae	Alimentação animal	HV	W Região Mediterrânica estendendo-se até Cáucaso e W Ásia	1 2 3 5
<i>Daphne gnidium</i> L.	trovisco	Thymelaeaceae	Alimentação humana, animal, medicinal, veterinário, construção, artesanato, ornamental, cultural, Tóxico	Subarbusto	S Europa, Região Mediterrânica e Macaronésia	1
<i>Daucus carota</i> L.	cenoura-brava	Apiaceae	Alimentação humana e animal, medicinal	HV	Europa, W e C Ásia, Sibéria, N África e Macaronésia	1 2 5
<i>Digitalis purpurea</i> L.	dedaleira	Plantaginaceae	Medicinal Tóxica	HV	W, SW e CW Europa	1 2 3 5
<i>Dioscorea communis</i> (L.) Caddick & Wilkin	arrebenta-boi	Dioscoreaceae	Alimentação humana, medicinal, veterinário, ornamental, cultural	HV	Grande parte Europa	1 5
<i>Ditrichia viscosa</i> (L.) Greuter. subsp. <i>viscosa</i>	tágueda	Asteraceae	Alimentação animal, medicinal, veterinário, tóxica	HV	Região Mediterrânica, Macaronésia e SW Ásia; naturalizada no resto da Europa, América do N e Austrália	1 2 5
<i>Erica arborea</i> L.	torga	Ericaceae	Alimentação humana, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção,	Arbusto	Região Mediterrânica, Macaronésia, N e E África	1 3

			Artesanato, Ornamental, Cultural			
<i>Erica ciliaris</i> L.	urze-carapaça	Ericaceae	Melífera, medicinal	Subarbusto	W Europa e N África	3
<i>Erica cinerea</i> L.	queiró	Ericaceae	Melífera, medicinal	Subarbusto	W e C Europa, Córsega, Transilvânia e Macaronésia (Madeira)	3 5
<i>Erica umbellata</i> L.	queiró	Ericaceae	Melífera, medicinal	Subarbusto	Península Ibérica e NW África	3 5
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	nespereira	Rosaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal Ornamental	Exótica Pequena árvore	Originário do SE da China; cultivada e pontualmente subespontânea	1 3
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	eucalipto	Myrtaceae	Madeira, combustível, melífera, medicinal	Árvore	Originário Tasmânia e SE Austrália; introduzido em várias zonas do mundo onde se tornou subespontâneo	3 5
<i>Euphorbia amygdaloides</i> L.		Euphorbiaceae	Veterinário	Subarbusto	NW, S, C e E Europa, Cáucaso, W Ásia e N África (Argélia e Tunísia)	1 2
<i>Ficus carica</i> L.	figueira	Moraceae	Alimentação humana e animal, Melífera, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria, Artesanato, Ornamental, Cultural	Arbusto	Nativa da Região Mediterrânica; cultivada de forma generalizada no S Europa	1
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho	Apiaceae	Aromática, alimentação humana, alimentação animal, medicinal, veterinário, combustível, indústria e artesanato, cultural	HV	Região Mediterrânica	2 5
<i>Frangula alnus</i> Mill.	sanguinho-de-água	Rhamnaceae	Madeira, medicinal	Arbusto	Grande parte Europa, NW África e Próximo Oriente	3 5
<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	freixo	Oleaceae	Alimentação animal, medicinal, veterinário, Combustível, Construção, Indústria, Artesanato, Cultural, Tóxico	Árvore	S e CE Europa; NW África e Próximo Oriente	2
<i>Galactites tomentosa</i> Moench	cardo	Asteraceae	Medicinal	HA	Região Mediterrânica e SW Europa	1
<i>Galium aparine</i>	amor-de-hortelão	Rubiaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Cultural	HA	Europa (exceto extremo N) e N África	3

<i>Galium debile</i> Desv.		Rubiaceae	Desconhecido	HV	Sul e Oeste da Europa; Sudoeste da Ásia e Noroeste de África	1 2 3
<i>Genista triacanthos</i> Brot.	ranha-lobo	Fabaceae	Desconhecido	Subarbusto	Península Ibérica e NW Marrocos	5
<i>Genista tridentata</i> L.	carqueja	Fabaceae	Fertilizante, combustível, culinário, medicinal	EI/ Subarbusto	W Península Ibérica	3 5
<i>Geranium dissectum</i> L.	bico-de-pomba	Geraniaceae	Alimentação animal, Medicinal	HA	Grande parte Europa, N África, Macaronésia, SW e C Ásia	1 2
<i>Geranium lucidum</i> L.	gerânio	Geraniaceae	Alimentação animal	HA	Grande parte Europa, exceto no extremo N, N África, Macaronésia, SW e C Ásia	2
<i>Geranium molle</i> L.	bico-de-pomba-menor	Geraniaceae	Alimentação animal, Medicinal	HA	Europa, exceto extremo N, Região Mediterrânica, Macaronésia, SW e S Ásia	1
<i>Geranium purpureum</i> Vill.	erva-de-São-Roberto	Geraniaceae	Alimentação animal, Medicinal	HA	Europa, exceto extremo N	1 3
<i>Glandora prostrata</i> (Loisel.) D.C. Thomas subsp. <i>prostrata</i>	Erva-das-sete-sangrias	Boraginaceae	Medicinal, tóxica	HV	C, S e W Europa	5
<i>Gnaphalium luteo-album</i> L.	perpétua-brava	Asteraceae	Desconhecido	HV	Cosmopolita	1 2 5
<i>Halimium ocymoides</i> (Lam.) Willk.	sargaço-branco	Cistaceae	Alimentação animal, melífera	Subarbusto	Península Ibérica e N de Marrocos	5
<i>Hedera hibernica</i> (G.Kirchn.) Bean	hera	Araliaceae	Ornamental, Alimentação animal, medicinal, veterinário, indústria, artesanato	Arbusto escandente	Regiões temperadas Euro-asiáticas	1 2 5
<i>Holcus lanatus</i> L.	erva-lanar	Poaceae	Alimentação animal, veterinário	HV	Quase toda Europa até Cáucaso, W Ásia, N África e Macaronésia (exceto Cabo Verde); naturalizado África, Ásia tropical, Austrália, Nova Zelândia e América	1 2 3 5
<i>Hordeum murinum</i> L.	cevada-dos-ratos	Poaceae	Alimentação humana e animal Medicinal Tóxico	HA	Grande parte Europa (exceto NE); provavelmente naturalizada Austrália e N América	1 2 5
<i>Hydrangea macrophylla</i>, (Thunb.) Ser.	hortense	Hydrangeaceae	Ornamental	Subarbusto	S Ásia, introduzida na Europa como ornamental	1

<i>Hypericum perforatum</i> L.	erva-de-são-joão	Hypericaceae	Medicinal	HV	Toda Europa (exceto extremo N), ocidente Ásia, Próximo Oriente, Região Mediterrânea e Macaronésia	1 2 5
<i>Hypochaeris radicata</i> L.	erva-das-tetas	Asteraceae	Alimentação humana e animal	HV	Quase toda Europa, Região Mediterrânea	1 3 5
<i>Ilex aquifolium</i> L.	azevinho	Aquifoliaceae	Medicinal, Veterinário, Combustível, Artesanato, Cultural, Tóxico	Arbusto	S e W Europa, N África e W Ásia	1 3
<i>Jasione montana</i> L.	baton-azul	Campanulaceae	Melífera	HV	Grande parte da Europa, NW África e Turquia	1 2 3 5
<i>Juglans regia</i> L.	nogueira	Juglandaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Indústria e Artesanato, Cultural	Exótica Árvore	Oriunda da Grécia e Península Balcânica; naturalizada a S e W Europa e N Portugal	1
<i>Juncus effusus</i> L.	junco-solto	Juncaceae	Artesanato, Cultural, Tóxico	HV	Cosmopolita	2
<i>Juniperus communis</i> L.	zimbros	Cupressaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Indústria, Cultural	Subarbusto	Subcosmopolita, estando presente grande parte Europa, Região Mediterrânea, América N, Ásia e subcontinente Indiano	1
<i>Lactuca virosa</i> L.	alface-brava-maior	Asteraceae	Alimentação animal, Medicinal	HV	S, W e C Europa, Marrocos e Argélia	1
<i>Lamium purpureum</i> L.	lâmio-roxo	Lamiaceae	Alimentação humana	HA	Europa, NW África e Próximo Oriente	2
<i>Lapsana communis</i> L.	labresto	Asteraceae	Medicinal	HA	Quase toda a Europa, Marrocos e Macaronésia (Canárias e Madeira)	1
<i>Laurus nobilis</i> L.	loureiro	Lauraceae	Aromática, Alimentação humana e animal, medicinal, veterinário, Ornamental, Tóxico	Árvore	Região Mediterrânea	2 5
<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>stoechas</i>	rosmaninho	Lamiaceae	Ornamental Medicinal, Indústria cosmética	Subarbusto	Região Mediterrânea	3 5
<i>Linaria triornithophora</i> (L.) Willd.	esporas-bravas	Plantaginaceae	Medicinal	EI/HV	Península Ibérica	2 5
<i>Lonicera periclymenum</i> L.	madressilva	Caprifoliaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Artesanato, Tóxico	Arbusto escandente	W, C e S Europa, W Região Mediterrânea	1 2 5

<i>Lotus pedunculatus</i> Cav.	erva-coelheira	Fabaceae	Alimentação animal (forrageira)	HV	Grande parte Europa (exceto extremo N), SW Ásia (Turquia), N África e Macaronésia (exceto Cabo Verde); naturalizado Austrália e EUA	2 3
<i>Lycopus europaeus</i> L.	marroio-de-água	Lamiaceae	Medicinal	HV	Europa, Próximo Oriente e NW África	1 2
<i>Lythrum junceum</i> Banks et Sol. ex Russell	erva-sapa	Lythraceae	Desconhecido	HV	Região Mediterrânica, NW África e Macaronésia	2
<i>Lythrum salicaria</i> L.	salgueirinha	Lythraceae	Medicinal, Veterinário	HV	Cosmopolita	2
<i>Malva hispanica</i> L.	malva-de-espanha	Malvaceae	Medicinal	HV	Península Ibérica e NW África. Quase toda a Península Ibérica, rara no N.	2
<i>Melissa officinalis</i> L.	erva-cidreira	Lamiaceae	Medicinal	HV	S Europa	1 2
<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	mentastro	Lamiaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Artesanato, Cultural	HV	S e W Europa, NW África e Próximo Oriente	1 2
<i>Oenanthe crocata</i>	embude	Apiaceae	Alimentação animal, Tóxico	HV	W Europa e W Região Mediterrânica	1 2
<i>Olea europaea</i> L. subsp. <i>europaea</i> var. <i>europaea</i>	oliveira	Oleaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Indústria e Artesanato, Construção, Ornamental, Cultural, Tóxico	Árvore	Mediterrânica, médio oriente e África Austral.	1
<i>Omphalodes nitida</i> Hoffmanns. & Link	miosótis-dos-bosques	Boraginaceae	Medicinal, Veterinário	EI, HV	NW Península Ibérica	1
<i>Persicaria maculosa</i> Gray subsp. <i>maculosa</i>	erva-pessegueira	Polygonaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal	HA	Cosmopolita	2
<i>Phyllostachys aurea</i> (Carrière) Rivière et C. Rivière	bambu-dourado	Poaceae	Alimentação animal, Indústria cosmética, Artesanato Ornamental, Construção	Exótica Arbusto	SE China; largamente cultivado essencialmente nas regiões temperadas	1
<i>Phytolacca americana</i> L.	erva-tintureira	Phytolaccaceae	Indústria	Invasora, DL 92/19, HV	Oriunda da América N; naturalizada em quase todo o Mundo	1 2 5
<i>Pinus pinaster</i> Aiton	pinheiro-bravo	Pinaceae	Alimentação animal, Madeira, Medicinal, Veterinário,	Árvore	W Região Mediterrânica e zonas Atlânticas do S Europa	3 5

			Construção, Combustível, Indústria, Artesanato			
<i>Plantago lanceolata</i> L.	língua-de-ovelha	Plantaginaceae	Medicinal	HV	Europa (exceto extremo N), NW África e Próximo Oriente	1 3 5
<i>Plantago major</i> L.	tanchagem	Plantaginaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Artesanato	HV	Cosmopolita	1 2 3
<i>Polystichum settiferum</i> (Forssk.) Woynar	fentanha	Dryopteridaceae	Medicinal	HV	Região Mediterrânica; Macaronésia e W região Euro-siberiana	2 3
<i>Potentilla erecta</i> (L.) Raeusch.	cinco-em-rama	Rosaceae	Medicinal	HV	Euroasiática, W Sibéria, Cáucaso, Anatólia, NW África e Macaronésia	5
<i>Prunella vulgaris</i> L.	erva-férrea	Lamiaceae	Alimentação humana, melífera, medicinal	HV	Europa, NW África e Próximo Oriente	2 3 5
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	feto-ordinário	Dennstaedtiaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Indústria e Artesanato, Construção, Ornamental, Cultural, Tóxico	HV	Cosmopolita	1 2 3 5
<i>Quercus faginea</i> Lam. subsp. <i>faginea</i>	carvalho-cerquinho	Fagaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Ornamental, Cultural, Tóxico	Árvore	Península Ibérica e N África	3
<i>Quercus lusitanica</i> Lam.	carvalhoça	Fagaceae	Desconhecido	Arbusto	Península Ibérica e Marrocos	1 5
<i>Quercus robur</i> L.	carvalho-alvarinho	Fagaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Cultural	Árvore	C, W e N Europa até Cáucaso, Balcãs e Urais	1 2 3 5
<i>Quercus suber</i> L.	sobreiro	Fagaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Ornamental, Cultural	Dec. Lei, 169/2001/Árvore	W Região Mediterrânica	1 3 5
<i>Ranunculus repens</i> L.	botão-de-oiro	Ranunculaceae	Medicinal, Tóxico	HV	Quase toda a Europa até ao Cáucaso, Ásia, N África (N Argélia e Marrocos) e Macaronésia (Açores e Madeira); naturalizada S África,	3

					Austrália, Nova Zelândia, e grande parte América	
<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	saramago	Brassicaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Artesanato, Cultural	HA	Grande parte da Europa, Região Mediterrânica, Cáucaso e Macaronésia (excepto Cabo Verde)	2
<i>Rosa micrantha</i> Borrer ex Sm.	roseira-brava	Rosaceae	Medicinal, Ornamental	Subarbusto	Grande parte da Europa e Região Mediterrânica; naturalizada América N	2
<i>Rosa sempervirens</i> L.	roseira-brava	Rosaceae	Ornamental	Arbusto	S e W Europa, Anatólia e NW África; naturalizada na América N	1 3 5
<i>Rubia peregrina</i> L.	raspa-saias	Rubiaceae	Alimentação animal, Medicinal, Tóxico, Artesanato, Cultural	HV	W Europa e Região Mediterrânica	3
<i>Rubus ulmifolius</i> Schott	silvas	Rosaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Ornamental, Cultural, Tóxico	Arbusto	W Europa e da Região Mediterrânica e Macaronésia	1 2 3 5
<i>Rumex acetosa</i> L. subsp. <i>acetosa</i>	azedas-bravas	Polygonaceae	Alimentação humana, animal, Medicinal	HV	Grande parte Europa, Região Mediterrânica, Ásia não tropical e América N	1 2 3 5
<i>Rumex crispus</i> L.	labaça-crespa	Polygonaceae	Alimentação humana, animal, Medicinal	HV	Subcosmopolita	5
<i>Ruscus aculeatus</i> L.	gilbardeira	Asparagaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Ornamental, Indústria e Artesanato, Cultural	Anexo V-DH, HV	S Europa, Hungria, Turquia e Macaronésia (Açores)	1 2 3 5
<i>Salix alba</i> L.	salgueiro-branco	Salicaceae	Alimentação animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, ambiental (sustento das margens dos cursos de água), Ornamental	Árvore	Europa, W, SW e C Ásia e Região Mediterrânica; naturalizado América N	2 5
<i>Salix atrocinerea</i> Brot.	borrazeira-negra	Salicaceae	Alimentação animal, Veterinário, Combustível, Construção, Indústria e Artesanato, Ornamental, Cultural	Árvore	Europa atlântica e W Região Mediterrânica	2
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	Caprifoliaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Combustível, Construção,	Arbusto	Grande parte Europa, Cáucaso, W e SW Ásia; subespontânea N África (Argélia e Tunísia) e	1 2 3

			Indústria e Artesanato, Ornamental, Cultural		Macaronésia (Açores e Madeira)	
<i>Sedum forsterianum</i> Sm. in Sm.	arroz-das-paredes	Crassulaceae	Medicinal, Ornamental	HV	W Europa	1 3
<i>Sesamoides purpurascens</i> (L.) G.López	estrelêta	Resedaceae	Desconhecido	HV	W Região Mediterrânica	3
<i>Silene latifolia</i> Poir.	assobios	Caryophyllaceae	Alimentação humana	HV	Quase toda Europa, Região Mediterrânica, W e S Ásia e América N	2 3 5
<i>Smilax aspera</i> L.	salsaparrilha-bastarda	Smilacaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Combustível, Ornamental	Arbusto escandente	S Europa, Índia, W Ásia, N e África tropical e Macaronésia (exceto Cabo Verde)	2 5
<i>Solanum chenopodioides</i> Lam.		Solanaceae	Desconhecido	Exótica, HV	Originário SE América S; naturalizado América N, SW Europa e Suíça	1 3
<i>Sonchus asper</i> (L.) Hill subsp. <i>asper</i>	serralha-áspera	Asteraceae	Alimentação humana e animal. Medicinal, Veterinário	HA	Grande parte Europa, Região Mediterrânica e Macaronésia (Canárias e Madeira); introduzida nos Açores	1 5
<i>Spirea canatoniensis</i> Lour.	grinalda-de-noiva	Rosaceae	Ornamental	Subarbusto	Originária da China e Japão; amplamente cultivada nas regiões temperadas	1
<i>Teucrium scorodonia</i> L.	salva-bastarda	Lamiaceae	Medicinal. Veterinário, Indústria cosmética	HV	S, W e C Europa e N África	1 2 3
<i>Thalictrum speciosissimum</i> L. in Loefl.	ruibarbo-dos-pobres	Ranunculaceae	Alimentação animal, Ornamental	HV	Península Ibérica e NW África	1 2
<i>Tolpis barbata</i> (L.) Gaertn.	olho-de-mocho	Asteraceae	Desconhecido	HA	Península Ibérica, N África (Marrocos, Tunísia e Argélia) e Macaronésia (Canárias e Madeira); introduzida Açores	2 3 5
<i>Torilis arvensis</i> (Huds.) Link	salsinha	Apiaceae	Medicinal	HA	C e S Europa, N África, SW Ásia e Macaronésia (exceto Cabo Verde)	1 2 5
<i>Trifolium angustifolium</i> L.	trevo-de-folhas-estreitas	Fabaceae	Alimentação animal	HA	S Europa, SW Ásia, Região Mediterrânica e Macaronésia	1 3
<i>Trifolium repens</i> L.	trevo-branco	Fabaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal	HV	Quase toda a Europa, Região Mediterrânica e Macaronésia; naturalizado na América do	3

					Norte, S África, Austrália e E Ásia	
<i>Ulex minor</i> Roth	tojo-molar	Fabaceae	Artesanato, Ambiente (melhora o solo)	Subarbusto	SW Europa (desde Reino Unido até SW da Península Ibérica) e Macaronésia. Naturalizada na América do Norte	3 5
<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.	umbigo-de-vénus	Crassulaceae	Alimentação humana, Medicinal, Veterinário, Cultural, Tóxico	HV	S e W Europa e Região Mediterrânica	1
<i>Urtica dioica</i> L.	urtigão	Urticaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Veterinário, Indústria cosmética, Artesanato, Ambiente, Cultural, Tóxico	HV	Cosmopolita, estando presente nas regiões temperadas dos dois hemisférios	2 5
<i>Verbascum thapsus</i> L.	verbasco	Scrophulariaceae	Desconhecido	HV	Europa (exceto extremo N) e Península Balcânica	5
<i>Verbena officinalis</i> L.	aljabão	Verbenaceae	Medicinal	HV	Subcosmopolita	1
<i>Veronica anagallis-aquatica</i> L.	verónica	Plantaginaceae	Desconhecido	HV aquática	Europa (exceto extremo N)	1 2
<i>Viburnum tinus</i> L.	folhado	Adoxaceae	Ornamental	Subarbusto	Região Mediterrânica	1
<i>Viola riviniana</i> Rchb.	violetas-bravas	Violaceae	Ornamental	HV	Europa, Região Mediterrânica e Macaronésia	2 3
<i>Vitis vinifera</i> L.	videira-europeia	Vitaceae	Alimentação humana e animal, Medicinal, Ornamental, Cosmética, Cultural	Subarbusto	Cosmopolita	2

Total 152 espécies identificadas

Parcela 1 – 1,33ha

Na parcela 1 foram registadas 78 espécies da flora elencadas na tabela 2 através do nome científico, ao qual é atribuído o nome comum, a família, as utilizações mais conhecidas para cada espécie, o estatuto de conservação ou se apresenta caráter invasor, a forma biológica, assim como a distribuição geográfica.

Na parcela 1 predomina o habitat 9230pt1 referente aos Carvalhais de *Quercus robur* L. (carvalho-alvarinho).

Quanto à forma biológica, das 78 espécies elencadas regista-se a presença de 30 espécies lenhosas (13 árvores, 9 arbustos, 6 subarbustos e 2 arbustos escandentes) e de 48 espécies herbáceas (37 herbáceas vivazes que são a maioria, 11 herbáceas anuais). Esta parcela possui uma zona que no passado foi um jardim, o que explica a ocorrência de algumas espécies exóticas ornamentais.

Os usos dados aos vários componentes e estruturas das espécies da flora são muito numerosos e variados. A maioria das espécies presentes na parcela 1 fornece mais do que uma utilização conhecida, cerca de 49 espécies, enquanto 20 fornecem um único uso conhecido, e 9 espécies para as quais não se conhecem utilizações. Dentre as 14 tipologias de uso atribuídas às espécies botânicas, destacam-se 46 como espécies medicinais, seguida da utilização para alimentação animal com 39 espécies e humana com 28 espécies, para além do uso ornamental e veterinário, ambas com 26 espécies, indicando assim um grande potencial para a utilização humana quer para a área da saúde, como para a área alimentar e ornamental; evidenciando também grande potencial para a área animal, quer na alimentação, como na veterinária. Destacando-se ainda outros tipos de utilização como a cultural, o artesanato, a construção e como tóxico, como se constata na figura 2.

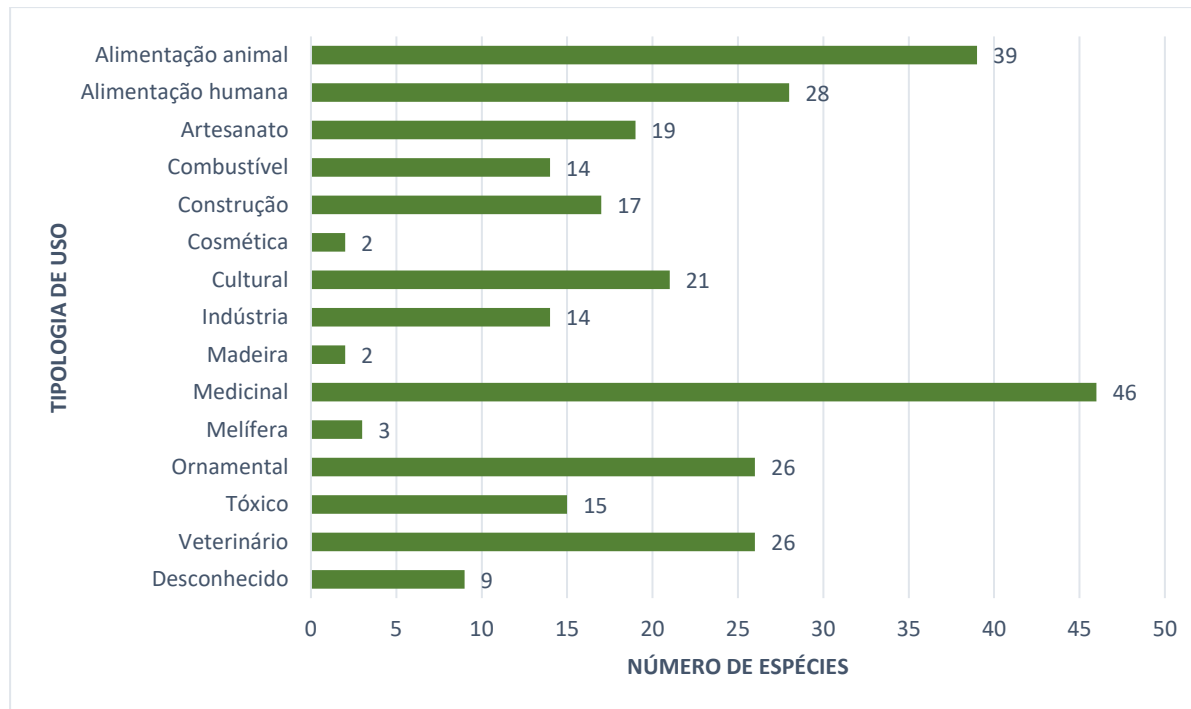


Figura 2 – Número de espécies da flora identificadas na parcela 1 utilizadas em cada tipologia

As espécies encontradas nesta parcela são comuns ou muito comuns. A parcela apresenta duas espécies com proteção legal, *Quercus suber* L. (sobreiro) através do Decreto-Lei n.º 169/2001 e, *Ruscus aculeatus* L. (gilbardeira) ao abrigo do Anexo V da Diretiva Habitats, que condiciona a colheita. O elenco apresenta ainda um endemismo ibérico: *Omphalodes nitida* Hoffmanns. & Link. Mas, em contrapartida, regista duas espécies invasoras listadas no Decreto-Lei n.º 92/2019: *Acacia dealbata* Link e *Phytolacca americana* L.

Quanto à distribuição geográfica são encontradas 4 espécies cosmopolitas, 42 plurirregionais, 12 europeias, 5 mediterrânicas, 3 endemismos ibero-magrebins, 1 endemismo ibero-italico, 1 endemismo ibérico, e 10 exóticas introduzidas, das quais 2 constam como invasoras no DL 92/2019.

Parcela 2 – 0,37ha

Na parcela 2 foram registadas 75 espécies da flora elencadas na tabela 3 através do nome científico, ao qual é atribuído o nome comum, a família, as utilizações mais conhecidas para cada espécie, o estatuto de conservação ou se apresenta caráter invasor, a forma biológica, assim como a distribuição geográfica.

Na parcela 2 predomina o habitat 9230pt1 referente aos Carvalhais de *Quercus robur* L. (carvalho-alvarinho).

Quanto à forma biológica, das 75 espécies elencadas regista-se a presença de 17 espécies lenhosas (7 árvores, 4 arbustos, 3 subarbustos e 3 arbustos escandentes) e de 58 espécies herbáceas (47 herbáceas vivazes que são a maioria e 11 herbáceas anuais). Esta parcela é atravessada pela ribeira de Poiares, o que justifica o facto de se registarem espécies ripícolas e aquáticas.

Os usos dados aos vários componentes e estruturas das espécies da flora são muito numerosos e variados. A maioria das espécies presentes na parcela 2 fornece mais do que uma utilização conhecida, cerca de 40 espécies, enquanto 25 fornecem um único uso conhecido, e 10 espécies para as quais não se conhecem utilizações. Dentre as 16 tipologias de uso atribuídas às espécies botânicas, destacam-se 47 como espécies medicinais, seguida da utilização para alimentação animal com 37 espécies e humana com 26 espécies, para além do uso veterinário com 22 espécies, indicando assim um grande potencial para a utilização humana quer para a área da saúde, como para a área alimentar; evidenciando também grande potencial para a área animal, quer na alimentação, como na veterinária. Destacando-se ainda outros tipos de utilização como a ornamental, cultural e o artesanato, como se constata na figura 3.

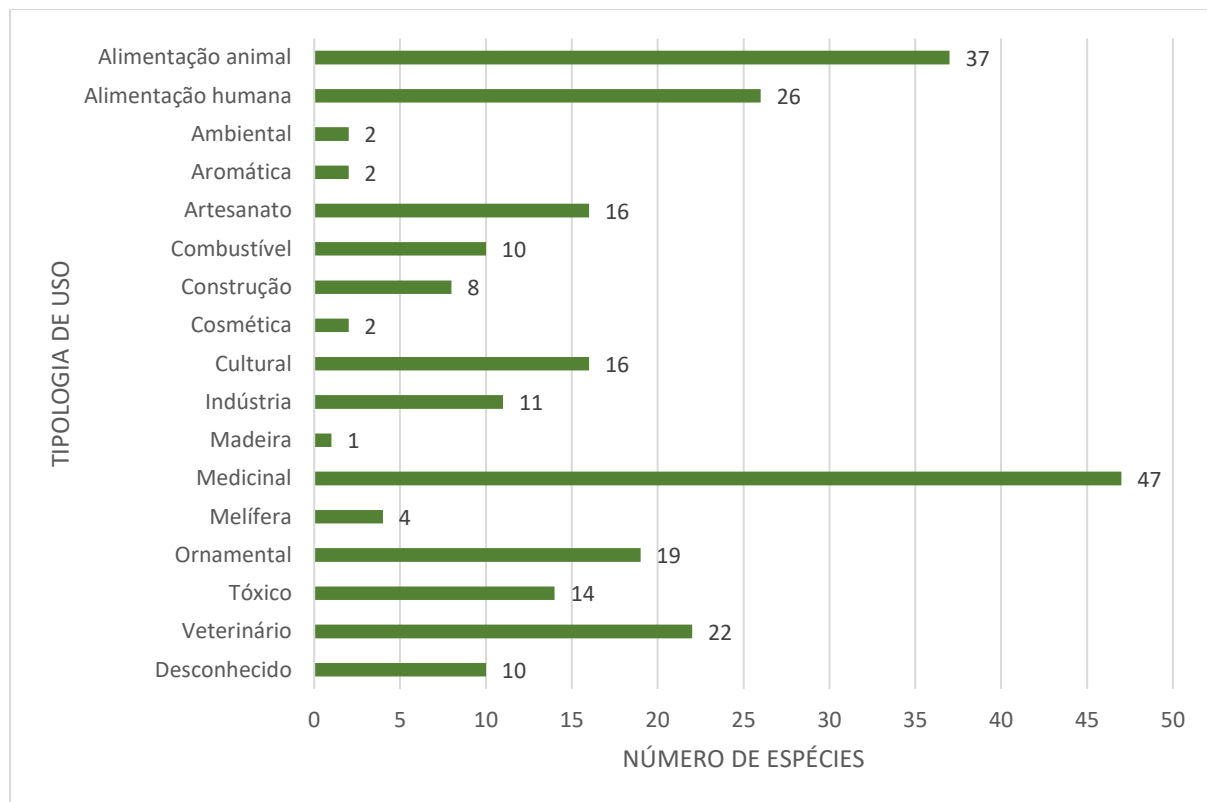


Figura 3 – Número de espécies da flora identificadas na parcela 2 utilizadas em cada tipologia

As espécies encontradas nesta parcela são comuns ou muito comuns. A parcela apresenta uma espécie com proteção legal, *Ruscus aculeatus* L. (gilbardeira) ao abrigo do Anexo V da Diretiva Habitats, que condiciona a colheita. O elenco apresenta ainda um endemismo ibérico: *Linaria triornithophora* (L.) Willd. Mas, em contrapartida, regista duas espécies invasoras listadas no Decreto-Lei n.º 92/2019: *Conyza bonariensis* (L.) Cronq. e *Phytolacca americana* L.

Quanto à distribuição geográfica são encontradas 7 espécies cosmopolitas, 50 plurirregionais, 9 europeias, 2 mediterrânicas, 3 endemismos ibero-magrebins, 1 endemismo ibérico, e 3 exóticas introduzidas, das quais 2 constam como invasoras no DL 92/2019.

Parcela 3 – 1,22ha

Na parcela 3 foram registadas 63 espécies da flora elencadas na tabela 4 através do nome científico, ao qual é atribuído o nome comum, a família, as utilizações mais conhecidas para cada espécie, o estatuto de conservação ou se apresenta caráter invasor, a forma biológica, assim como a distribuição geográfica.

Na parcela 3 predomina o pinhal de *Pinus pinaster* Aiton (pinheiro-bravo) em reconversão para carvalhal, onde no estrato arbustivo dominam as urzes (*Erica* sp.). O povoamento de pinheiro-bravo com a regeneração de carvalhos (*Quercus* spp.), a continuar, levará ao restabelecimento do carvalhal galaico-português (Habitat 9230). Quanto à forma biológica, das 63 espécies elencadas regista-se a presença de 24 espécies lenhosas (10 árvores, 6 arbustos e 8 subarbustos) e de 39 espécies herbáceas (31 herbáceas vivazes que são a maioria e 8 herbáceas anuais).

Os usos dados aos vários componentes e estruturas das espécies da flora são muito numerosos e variados. A maioria das espécies presentes na parcela 3 fornece mais do que uma utilização conhecida, cerca de 41 espécies, enquanto 15 fornecem um único uso conhecido, e 7 espécies para as quais não se conhecem utilizações. Dentre as 17 tipologias de uso atribuídas às espécies botânicas, destacam-se 40 como espécies medicinais, seguida da utilização para alimentação animal com 28 espécies e humana com 20 espécies, indicando assim um grande potencial para a utilização humana quer para a área da saúde, como para a área alimentar; evidenciando também grande potencial para a dieta animal. Destacando-se ainda outros tipos de utilização como a ornamental, cultural e veterinário, como se constata na figura 4.

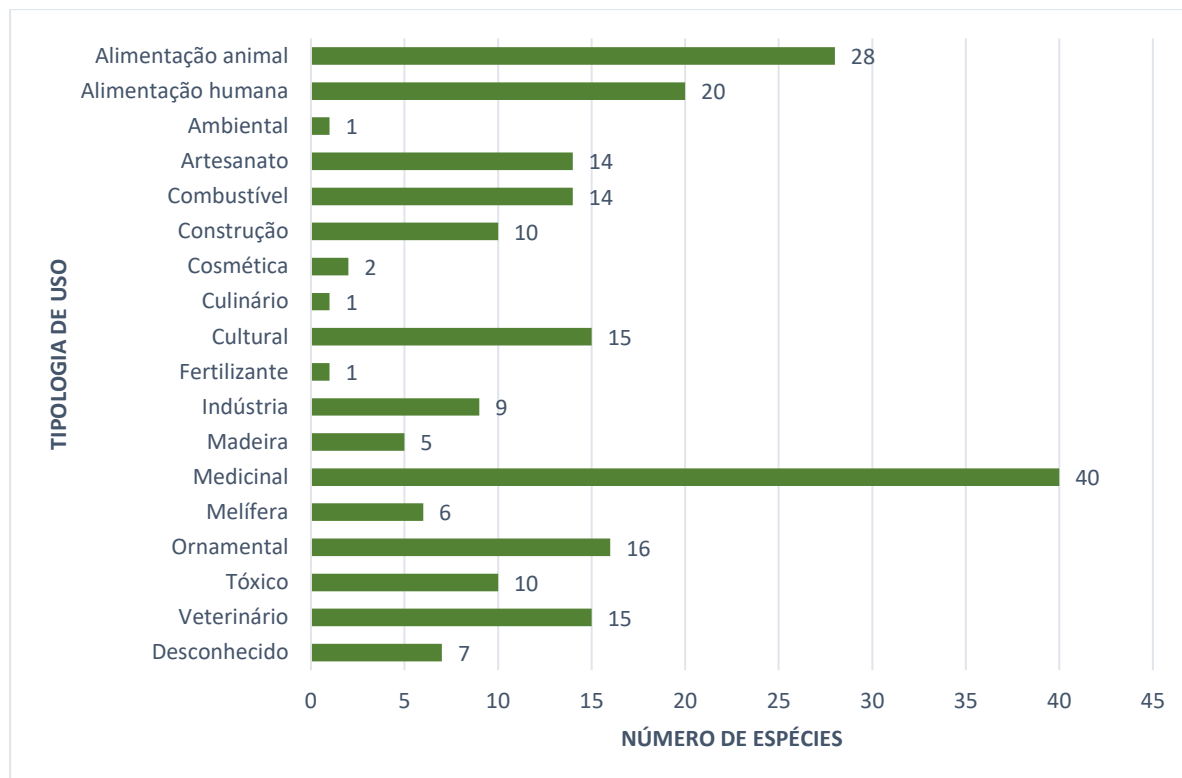


Figura 4 – Número de espécies da flora identificadas na parcela 3 utilizadas em cada tipologia

As espécies encontradas nesta parcela são comuns ou muito comuns. A parcela apresenta duas espécies com proteção legal, *Quercus suber* L. (sobreiro) através do Decreto-Lei n.º 169/2001 e, *Ruscus aculeatus* L. (gilbardeira) ao abrigo do Anexo V da Diretiva Habitats, que condiciona a colheita. O elenco apresenta ainda dois endemismos ibéricos: *Cistus psilosepalus* Sweet e *Genista tridentata* L. Mas, em contrapartida, regista uma espécie invasora listada no Decreto-Lei n.º 92/2019: *Acacia dealbata* Link.

Quanto à distribuição geográfica são encontradas 2 espécies cosmopolitas, 41 plurirregionais, 7 europeias, 5 mediterrânicas, 2 endemismos ibero-magrebins, 2 endemismos ibéricos, e 4 exóticas introduzidas, das quais 1 consta como invasora no DL 92/2019.

Parcela 5 – 0,67ha

Na parcela 5 foram registadas 73 espécies da flora elencadas na tabela 1 através do nome científico, ao qual é atribuído o nome comum, a família, as utilizações mais conhecidas para cada espécie, o estatuto de conservação ou se apresenta caráter invasor, a forma biológica, assim como a distribuição geográfica.

Na parcela 5 predomina o povoamento misto de *Acacia dealbata* Link (mimosa) e de *Eucalyptus globulus* Labill. (eucalipto), com vestígios do habitat 9230pt1 referente aos Carvalhais de *Quercus robur* L. (carvalho-alvarinho).

Quanto à forma biológica, das 73 espécies elencadas regista-se a presença de 28 espécies lenhosas (9 árvores, 7 arbustos, 9 subarbustos e 3 arbustos escandentes) e de 45 espécies herbáceas (33 herbáceas vivazes que são a maioria, 11 herbáceas anuais e uma espécie que apresenta as duas tipologias de herbácea vivaz e/ou anual), com predomínio das espécies dos matos na ecologia.

Os usos dados aos vários componentes e estruturas das espécies da flora são muito numerosos e variados. A maioria das espécies presentes na parcela 5 fornece mais do que uma utilização conhecida, cerca de 43 espécies, enquanto 22 fornecem um único uso conhecido, e 8 espécies para as quais não se conhecem utilizações. Dentre as 18 tipologias de uso atribuídas às espécies botânicas, destacam-se 44 como espécies medicinais, seguida da utilização para alimentação humana com 30 espécies e animal com 24 espécies, indicando assim um grande potencial para a utilização humana quer como alimento como para a área da saúde. Destacando-se ainda outros tipos de utilização como a ornamental, veterinária, artesanato e combustível, como se constata na figura 1.

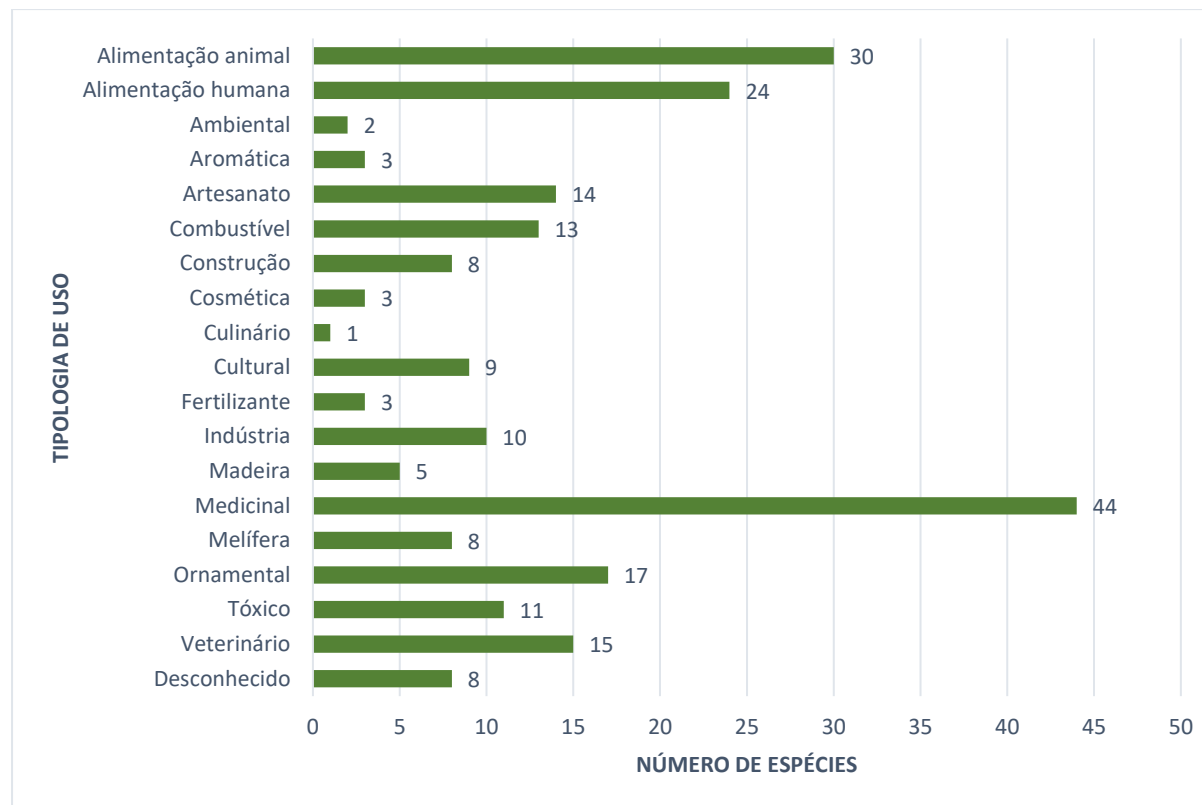


Figura 1 – Número de espécies da flora identificadas na parcela 5 utilizadas em cada tipologia

As espécies encontradas nesta parcela são comuns ou muito comuns. A parcela apresenta duas espécies com proteção legal, *Quercus suber* L. (sobreiro) através do Decreto-Lei n.º 169/2001 e, *Ruscus aculeatus* L. (gilbardeira) ao abrigo do Anexo V da Diretiva Habitats, que condiciona a colheita. O elenco apresenta ainda três endemismos ibéricos: *Cistus psilosepalus* Sweet, *Genista tridentata* L. e *Linaria triornithophora* (L.) Willd. Mas, em contrapartida, regista três espécies invasoras listadas no Decreto-Lei n.º 92/2019: *Acacia dealbata* Link, *Conyza bonariensis* (L.) Cronq. e *Phytolacca americana* L.

Quanto à distribuição geográfica são encontradas 7 espécies cosmopolitas, 37 plurirregionais, 10 europeias, 6 mediterrânicas, 5 endemismos ibero-magrebins, 1 endemismo ibero-italico, 3 endemismos ibéricos, e 4 exóticas introduzidas, das quais 3 constam como invasoras no DL 92/2019.

5.1.2 A condição anterior do serviço de ecossistema, com base nas melhores informações disponíveis (florestas de pequena e baixa intensidade de gestão não são obrigadas a cumprir com esta cláusula, a menos que exigido pela metodologia usada de acordo com o Passo 5)

Anteriormente, durante as primeiras seis décadas do século XX, a propriedade foi utilizada para a agricultura, o que substituiu a flora original. Existem ainda alguns vestígios da utilização anterior do solo, como alguns troncos secos de oliveiras, as árvores de fruto mais antigas na área próxima aos cercados das cabras, ou uma área com alguns exemplares da flora normalmente utilizados em jardins, que se encontram ao redor de um poço que presentemente se encontra selado com uma placa de cimento. A partir dos anos 70 do século XX, a agricultura na Quinta da Moenda foi abandonada e as espécies lenhosas e herbáceas selvagens regressam espontaneamente à propriedade, mas com elas também surgem espécies invasoras. Atualmente, é de novo a flora original que predomina através da regeneração natural e da ação humana, que tem vindo a controlar as espécies exóticas com carácter invasor e a beneficiar as espécies autóctones.

5.1.3 Áreas dentro e fora da unidade de gestão que contribuem para o serviço de ecossistema declarado (florestas de pequena e baixa intensidade de gestão não são obrigadas a descrever áreas fora da unidade de gestão, a menos que exigido pela metodologia usada de acordo com o Passo 5)

As áreas dentro da unidade de gestão que contribuem para o serviço de ecossistema declarado ES 1.1 Restauro do coberto florestal natural são as parcelas 2, 3 e 5, relativas ao habitat de carvalho (habitat 9230) com a presença de outras folhosas, sem formação de galeria ripícola na ribeira; ao povoamento de pinheiro-bravo em reconversão para carvalho galaico-português (Habitat 9230); e ao povoamento misto de mimosa e de eucalipto, com vestígios do Habitat 9230pt1 referente aos carvalhais de carvalho-alvarinho, respetivamente. A contribuição da parcela 2 para este mesmo serviço de ecossistema está relacionada com as margens da ribeira de Poiães nesta mesma parcela 2, onde é imperativo requalificar a galeria ripícola.

Quanto a áreas que se encontram fora da unidade de gestão e que se pretende que possam contribuir para o restauro do coberto florestal, deverá ser a galeria ripícola, quer a montante como a jusante da linha de água que atravessa a parcela 2. O próprio Plano Regional de Ordenamento Florestal do Centro Litoral prevê para os espaços florestais com função de proteção, o restauro destas mesmas galerias, essencialmente para proteção da rede hidrográfica. A proteção das margens e a manutenção da qualidade da água dependem do bom estado da galeria ripícola adjacente, já que através dela se consolidam as orlas do ribeiro e retêm os sedimentos através da ação das raízes, bem como se absorvem nutrientes da água provenientes dos solos que podem ser fator de poluição. A galeria ripícola funciona ainda como barreira natural dificultando a progressão dos fogos e também tem função na produtividade, favorece a biodiversidade e valoriza a paisagem, permitindo ainda a

conexão com outros redutos florestais dispersos com importância ecológica semelhante à da Quinta da Moenda, favorecendo as trocas genéticas essenciais para a manutenção da diversidade biológica.

O restante tipo de uso do solo na área envolvente à Quinta da Moenda é maioritariamente povoamento de eucalipto para produção, com áreas de acacial e algum pinheiro-bravo, e como tal, não reúne as condições para o restauro do coberto florestal, não havendo contribuição direta para este serviço de ecossistema.

5.1.4 Os beneficiários do serviço de ecossistema

- Associações ligadas à conservação da biodiversidade, à proteção de espécies, à educação ambiental
- Município de Vila Nova de Poiares
- População local ligada ao setor dos serviços culturais, recreativos e da restauração
- Utilizadores dos serviços do turismo de natureza, culturais, recreativos e de restauração
- Estudantes universitários
- Estudantes do ensino básico e secundário
- Proprietários e gestores florestais
- Artesãos e visitantes da Feira de Artesanato Poiartes
- Utilizadores e visitantes do Centro Difusor de Artesanato e Recursos Endógenos

5.1.5 Ameaças ao serviço de ecossistema, tanto induzidas pelo homem quanto de origem natural, dentro e fora da unidade de gestão (florestas de pequena e baixa intensidade de gestão precisam de descrever apenas ameaças dentro da unidade de gestão)

A predominância de povoamentos de eucaliptal ao redor da propriedade da Quinta da Moenda, a existência de algumas frações com outras espécies exóticas, até com carácter invasor, ou com valor ecológico reduzido em relação às espécies autóctones, a maior frequência e a intensidade com que a região tem sido assolada pelos incêndios, e a fragmentação deste reduto de floresta autóctone, são preocupações que carecem de respostas concretas e incisivas que despoitem a recuperação de parcelas florestais como as desta propriedade. Deste modo, entende-se que o serviço de ecossistema relativo ao restauro do coberto florestal é ameaçado pela:

- proliferação e expansão descontrolada de espécies invasoras da flora, como é o caso da mimosa ou da erva-tintureira;
- extensão dos povoamentos de monocultura de eucaliptal e/ou de pinhal;
- fragmentação dos habitats autóctones dos quais dependem espécies de reduzida mobilidade e protegidas, como a salamandra-lusitânica;
- frequência e intensidade dos fogos;
- herbivoria intensiva na galeria ripícola da ribeira de Poiares e no carvalhal adulto;
- poluição da água da ribeira de Poiares a montante da propriedade;
- deposição de lixo domésticos e urbanos na linha de água a montante, nas margens da propriedade ou nos trilhos que a atravessam;
- prática de estacionamento, piqueniques e/ou campismo selvagens
- utilização dos trilhos pedestres para a prática de btt ou moto 4
- renúncia à gestão da prática agrícola e florestal
- intensidade dos efeitos das alterações globais

5.1.6 Um resumo do envolvimento culturalmente apropriado com Povos Indígenas e comunidades locais, relacionado com o serviço de ecossistema declarado, incluindo acesso e uso de serviços de ecossistema e partilha de benefícios

A comunidade local poderá beneficiar diretamente dos vários recursos que esta área proporcionará a partir do restauro do coberto florestal. A expansão da área de carvalhal e a restituição da galeria ripícola que as parcelas a restaurar irão promover, favorecerão a extração de recursos endógenos e localmente valorizados através do turismo, nomeadamente durante a Feira de Artesanato “Poiartes”, assim como a sua replicação nas festas e romarias locais. Estes recursos podem ser de uso ornamental ou cultural, como os famosos palitos de Vila Nova de Poiães e outros artefactos elaborados com cortiça ou madeiras provenientes da flora autóctone presente na Quinta da Moenda. A tipologia de uso dos recursos pode alargar-se para a utilização alimentar humana ou animal, para a produção melífera que aqui é certificada como um produto que beneficia da Denominação de Origem Protegida (DOP), para a comercialização de chás e de infusões, a apanha e comercialização de cogumelos, de sabugueiro e medronho com múltiplas utilizações. A tipologia de uso que mais se evidenciou para a totalidade das espécies da flora foi a medicinal, sendo um recurso a explorar pela comunidade, através de uma primeira recolha de saberes e do conhecimento transmitido pelos mais idosos e experientes.

A paisagem natural que estas parcelas representam e o incremento do valor ecológico são atrativo crescente pelo turismo de natureza ou pela fotografia de natureza, cujo tendência de aumento de visitantes esperado é fator para impulsionar a economia local, quer ao nível do alojamento, como da restauração e bebidas, quer ao nível de serviços culturais, recreativos e desportivos.

A LPN como proprietária da Quinta da Moenda terá todo o interesse num crescente envolvimento com a comunidade local, através da sensibilização ambiental junto dos vários atores locais, desde os órgãos autárquicos, associações, à sociedade civil, passando pelo envolvimento da visita dos grupos escolares do município e circunvizinhos. A experiência que tem alcançado com a educação ambiental a grupos escolares que já visitaram a Quinta da Moenda e a formação que tem ministrado a estudantes universitários e a proprietários e gestores florestais é uma alavanca para continuar este serviço público de forma personalizada a cada destinatário. As próprias ameaças que o espaço sofre continuamente com a proliferação das espécies invasoras poderá ser colmatado com o voluntariado estudantil em ações de campanhas de campo para o seu controlo e erradicação.

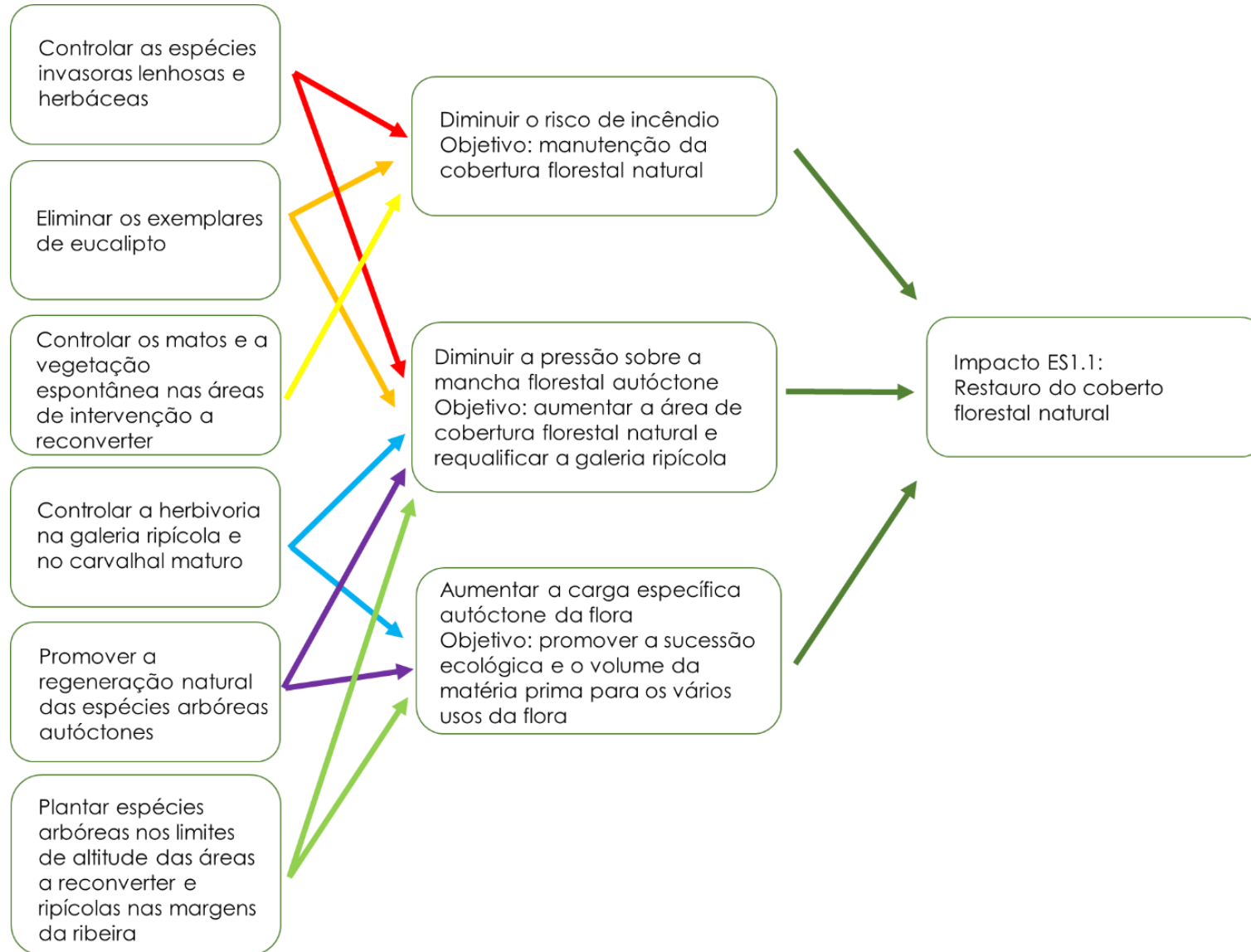
A comunidade local devidamente sensibilizada, beneficiada e envolvida acabará por ser um promotor e defensor natural deste reduto florestal.

Passo 3: Teoria da mudança: Relacionar as actividades de gestão aos impactos

6.1 Para cada serviço de ecossistema declarado, a organização deve propor um ou mais dos impactos do Anexo B

Impacto ES1.1: Restauro do coberto florestal natural

6.2 Para cada impacto proposto, a organização deve desenvolver uma teoria da mudança para descrever a ligação entre as actividades de gestão e os impactos, usando o Anexo A como modelo:



6.5 A organização deve identificar e descrever brevemente todos os fatores contextuais que podem influenciar os resultados, como, por exemplo, a introdução de nova legislação, ou a presença de outros usuários de água (SLIMF deve focar nos factores contextuais locais)

Os resultados podem ser influenciados por eventos como fogos florestais, que são recorrentes na região, assim como por eventos extremos como períodos de seca prolongada devido às alterações globais.

O derrube ilegal de árvores de grande porte é outro fator a ter em consideração, em virtude de a fiscalização e a segurança das florestas ser parca, sendo motivo de preocupação para os seus proprietários e detentores legais.

As alterações à legislação e à posse da propriedade podem conduzir também a mudanças nos tipos de gestão e na condução das atividades a realizar, podendo influir sobre os presentes resultados.

Passo 4: Selecção de indicadores de resultado

Impacto (cláusula 6.1)	<i>Para cada impacto proposto, a organização deve seleccionar um ou mais indicadores de resultado de acordo com Cláusula 7.1, 7.2, e 7.3</i>	7.4 Para cada indicador de resultado seleccionado, a organização deve especificar uma meta verificável que representa um valor futuro desejado para o indicador de resultado (SLIMF não são obrigados a cumprir com a Cláusula 7.4) <i>A meta verificável pode vir do plano de gestão florestal</i>
Impacto ES1.1: Restauro do coberto florestal natural	A. Área (ha) de cobertura florestal natural em toda a unidade de gestão B. Área (ha) florestal de exóticas convertida em coberto florestal natural C. Área (ha) florestal mista de resinosas e folhosas e sem galeria ripícola convertida em coberto florestal natural	A. Atual: 1,33 ha Futura: 3,59ha B. 0,67ha (parcela 5) C. 1,59ha (parcela 3)

Passo 5: Metodologia (é recomendável que descreva este passo em aproximadamente 500 palavras para todas as cláusulas)

8.1 Para medir os valores do (s) indicador (es) de resultado selecionado (s), a organização deve:

8.1.1 Escolher uma metodologia aplicável do Guia FSC-GUI-30-006 para Demonstração dos Impactos dos Serviços de Ecossistema; ou

8.1.2 Usar outra metodologia que esteja em conformidade com os seguintes critérios de elegibilidade.

8.1.2.1 A metodologia é adequada para o contexto local e o indicador de resultado a ser medido

A metodologia adotada é adequada e específica para o contexto local porque se baseia em valores específicos medidos diretamente nas parcelas da Quinta da Moenda. As espécies da flora presentes em todas as áreas consideradas (parcelas 1, 2, 3 e 5) foram identificadas durante duas campanhas no período de verão e os habitats contidos nos núcleos florestais foram identificados conforme o Plano Sectorial da Rede Natura 2000. A atribuição de tipologias de uso, a cada uma das espécies elencadas foi realizada considerando bibliografia disponibilizada pela Sociedade Portuguesa de Botânica (<https://flora-on.pt/>), pela Flora Digital de Portugal do Jardim Botânico da UTAD (<https://jb.utad.pt/>) e pelo projeto CONECT-e - Compartiendo el CONocimiento ECológico Tradicional (<https://conecte.es/index.php/es/>). Os estatutos das espécies foram atribuídos conforme o enquadramento legal em vigor.

8.1.2.2 A metodologia é credível, com base nas melhores informações disponíveis (por exemplo, existem publicações científicas que apoiam o uso da metodologia; foi validada após uso anterior; foi aprovada por especialistas)

A metodologia adotada é credível e baseada nas melhores informações disponíveis. As listas de espécies elencadas por cada parcela amostrada e a informação vertida referente a cada táxon, assim como os tipos de habitat descritos, foram apoiados na bibliografia científica disponível mais atualizada (ver 8.1.2.1), aliada à informação científica recolhida pela equipa técnico-científica durante as amostragens. Foram ainda tidos em consideração o Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios PMDFCI 2020-2030 Vila Nova de Poiares, o Plano Regional de Ordenamento Florestal do Centro Litoral, o Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Poiares.

8.1.2.3 A metodologia é objectiva e replicável, ou seja, produz resultados semelhantes quando aplicada por diferentes observadores no mesmo

A metodologia é objetiva e replicável por diferentes observadores no mesmo local e em condições semelhantes desde que se utilizem os mesmos tipos de fontes e documentos mencionados nos pontos 8.1.2.1 e 8.1.2.2.

**local em condições
semelhantes**

Passo 5: Metodologia (é recomendável que descreva esta etapa em aproximadamente 1.000 palavras)

A metodologia usada para medir os valores dos indicadores de resultado relativos ao Impacto ES1.1: Restauro do coberto florestal natural foi a seguinte:

A. Área de cobertura florestal natural em toda a unidade de gestão

A área de cobertura florestal que se pretende restaurar a fim de se atingir a totalidade de cobertura florestal natural da área conjunta das parcelas 1+2+3+5 (3,59ha), corresponde à área das parcelas 2+3+5 obtida pelos serviços técnicos da Unimadeiras. As parcelas 2, 3 e 5 correspondem aos povoamentos de carvalho sem formação de galeria ripícola, pinheiro com folhosas e, de eucalipto com acacia, respetivamente. Como tal, a área com cobertura florestal natural atualmente é constituída pela área da parcela 1 (1,33ha), que correspondem ao habitat de carvalho 9230.

B. Área florestal de exóticas convertida em coberto florestal natural

A área florestal de exóticas a converter em coberto florestal natural corresponde à área da parcela 5 (povoamento de eucalipto e mimosa) obtida pelos serviços técnicos da Unimadeiras, na qual se pretende implementar o controlo de invasoras e a erradicação do eucalipto.

C. Área florestal mista de resinosas e folhosas e sem galeria ripícola convertida em coberto florestal natural

A área florestal mista de resinosas e folhosas a converter em coberto florestal natural corresponde à área das parcelas 2+3 (carvalho sem galeria ripícola + povoamento de pinhal com folhosas) obtida pelos serviços técnicos da Unimadeiras, na qual se pretende implementar a regeneração natural reforçada com a plantação de espécies arbóreas autóctones nos limites da parcela e de espécies arbóreas ripícolas autóctones nas margens da ribeira.

As amostragens às parcelas da Quinta da Moenda foram realizadas em julho de 2021, e será essa data que corresponde ao “presente” e “atual” que se vem mencionando ao longo deste documento, e os dados aí coligidos serão os dados de referência a utilizar no futuro.

8.3 A organização deve descrever a recolha e análise de dados, incluindo:

8.3.1 As fontes de dados que foram utilizadas (literatura, entrevistas, medições de campo, modelação, etc.)

As fontes de dados utilizadas compreendem o Plano Sectorial Rede Natura 2000, Flora Ibérica, Sociedade Portuguesa de Botânica (<https://flora-on.pt/>), Flora Digital de Portugal do Jardim Botânico da UTAD (<https://jb.utad.pt/>), projeto CONECT-e - Compartiendo el CONocimiento ECológico Tradicional (<https://conecte.es/index.php/es/>), o Plano Municipal de Defesa

	<p>da Floresta Contra Incêndios PMDFCI 2020-2030 Vila Nova de Poiares, o Plano Regional de Ordenamento Florestal do Centro Litoral, o Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Poiares.</p>
8.3.2 Métodos de amostragem, incluindo frequência e / ou intensidade	<p>Propõe-se que o inventário florístico, ao longo de todos os trilhos pedonais, assim como a prospeção de cada parcela individualmente, sejam repetidos a cada 3 anos.</p>
8.3.3 Qualquer equipamento usado para medir o indicador de resultado	<p>O equipamento utilizado está relacionado com a medição de áreas de parcelas e ocupação de usos de solos, tratando-se de ferramentas SIG. Durante as amostragens é utilizada a máquina fotográfica, gps, e o material de recolha de plantas para herbário para posterior identificação.</p>
8.3.4 Um resumo de qualquer análise de dados realizada	<p>As análises de dados que retratem as várias atividades de gestão rumo ao impacto ES1.1 Restauro do coberto florestal serão vertidas num formulário específico relativo à monitorização de áreas de conservação e a respetiva avaliação. A comparação entre os resultados obtidos e os previstos será realizada através dos relatórios de campo que forem sendo realizados ao longo da monitorização proposta. A especificidade e a dimensão reduzida da área florestal total, cerca de 4ha, faz com que se tenha decidido trabalhar com os próprios dados obtidos no campo e no</p>

local, para comparação futura, em detrimento da utilização de registos bibliográficos ou metodologias de deteção remota.

Passo 6: Medição e comparação do valor do (s) indicador (es) de resultado seleccionado (s)

9.1 A organização deve medir o valor presente de cada indicador de resultado seleccionado do (s) indicador (es) de resultado seleccionado (s)

Impacto ES1.1: Restauro do coberto florestal natural

A. Área (ha) de cobertura florestal natural atual em toda a unidade de gestão = 1,33ha

B. Área (ha) florestal de exóticas a converter em coberto florestal natural = 0,67ha

C. Área (ha) florestal mista de resinosas e folhosas e carvalho sem galeria ripícola a converter em coberto florestal natural = 1,59ha

9.2 A organização deve, de acordo com as especificações na coluna "Comparação" do Anexo B, comparar o valor presente de cada indicador de resultado com o valor especificado

Impacto ES1.1: Restauro do coberto florestal natural

A. Área (ha) de cobertura florestal natural futura em toda a unidade de gestão = 3,59ha

B. Área (ha) florestal de exóticas convertida em coberto florestal natural
Início de operação da remoção de exóticas

C. Área (ha) florestal mista de resinosas e folhosas e de carvalho sem galeria ripícola convertida em coberto florestal natural
Início da remoção de resinosas, controlo de vegetação e plantação

Passo 7: Descrição de resultados (recomenda-se que descreva este passo em aproximadamente 500 palavras para todas as cláusulas)

Impacto (cláusula 6.1)	Indicador de resultado (cláusula 7.1)	Valor actual do indicador de resultado (cláusula 9.1)	Valor de comparação (cláusula 9.2)	Resultado requerido (Anexo B)	Resultados (cláusula 10.1)
<p><i>ES1.1: Restauro do coberto florestal natural</i></p>	<p>A. Área (ha) de cobertura florestal natural em toda a unidade de gestão B. Área (ha) florestal de exóticas convertida em coberto florestal natural C. Área (ha) florestal mista de resinosas e folhosas e de carvalhal sem galeria ripícola convertida em coberto florestal natural</p>	<p>A. 1,33ha B. 0,67ha C. 1,59ha</p>	<p>A. 3,59ha B. Início de operação da remoção de exóticas C. Início da remoção de resinosas, controlo de vegetação e plantação</p>	<p>Condição está estável ou a melhorar</p>	<p>O início recente dos trabalhos (julho de 2020) das atividades de gestão para o restauro do coberto florestal natural este impacto é proposto apenas para ser validado.</p>
<p>10.2 Para cada impacto proposto, a organização deverá descrever como o resultado da cláusula 10.1 contribui para a probabilidade de alcançar as metas verificáveis propostas no futuro</p>					
<p>SLIMF - NA</p>				<p><i>Descreva como o resultado de cada indicador de resultado é consistente com o cumprimento da meta verificável no futuro.</i></p>	

Descreva como o resultado contribui para o cumprimento futuro das metas verificáveis propostas para o impacto 2.

Parte II: Informação de gestão

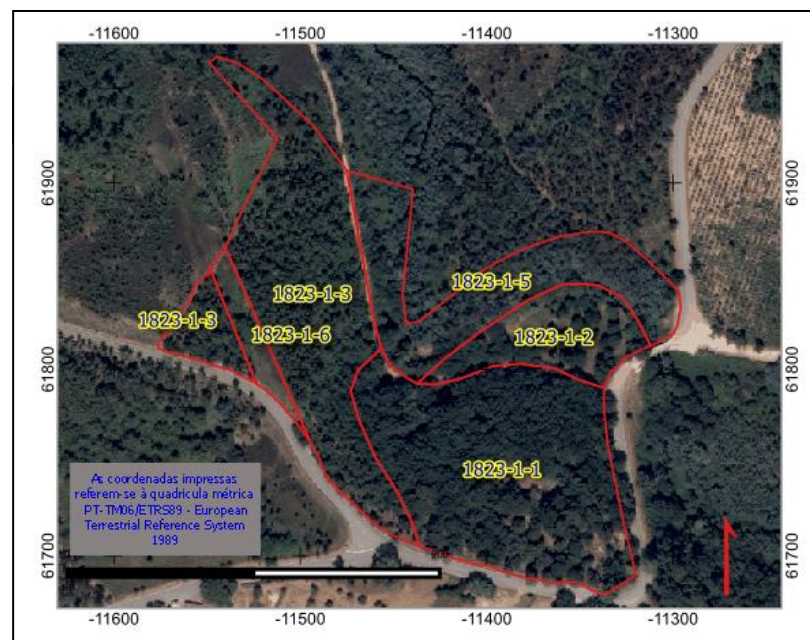
Nome da organização de gestão forestal

LPN - Liga para a Proteção da Natureza, Quinta da Moenda. Membro n.º 1823

Localização da unidade de gestão

Se houver mais de uma unidade de gestão, indique a localização de todas as unidades de gestão às quais este DCSE se aplica.

A Quinta da Moenda (3,7 ha) localiza-se na zona centro de Portugal, concelho de Vila Nova de Poiares, Freguesia de Arrifana.



Tipo de certificação

Selecione todas as opções que correspondam à unidade de gestão

Tipo de Gestão:

- Comunitária Pública/Estatal Privada
 Concessão Indígena Baixa intensidade Pequeno produtor

Direito de Posse:

- Comunitária Pública/Estatal Privada Indígena

Tipo de certificado:

- Individual Grupo de gestão

Características do certificado

Forneça as seguintes informações:

Unidades de gestão (nome e número): []

Quinta da Moenda, 1823-1

Área das unidades de gestão (em hectares): [] N.º de membros (se aplicável): []

3,7095 ha, 1823-1

Código de certificado FSC (se aplicável): []

SGSCH-FM/COC-005081

Data da primeira emissão (se aplicável): []

2008-08-15

Data da última emissão (se aplicável): []

2023-08-15

Data de validade (se aplicável): []

2028-08-14

Informação de contacto da organização

Por favor, forneça a informação de contacto pertinente:

Correio electrónico: []

geral@unimadeiras.pt

Endereço []

Arruamento Q, Zona Industrial,

Apartado nº3 3850-909

Albergaria-a-Velha

Número de telefone: []

234 521 864

Nome de contacto: []

Jorge Loureiro

Relatório técnico/científico elaborado por:

Departamento de Biologia e CESAM – Centro de Estudos do Ambiente e do Mar

Universidade de Aveiro

